



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**  
**FACULDADE DE LETRAS**

TROPOS EM OBRAS DE FANTASIA URBANA

Uma análise de *Porém Bruxa* de Carol Chiovatto

Amanda Ariani Ferreira da Silva

Rio de Janeiro

2023

Amanda Ariani Ferreira da Silva

TROPOS EM OBRAS DE FANTASIA URBANA

Uma análise de *Porém Bruxa* de Carol Chiovatto

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Letras na habilitação Português/ Inglês.

Orientadora: Profa. Dra. Danielle dos Santos Corpas

RIO DE JANEIRO

2023

## CIP - Catalogação na Publicação

F586t Ferreira da Silva, Amanda Ariani Ferreir  
TROPOS EM OBRAS DE FANTASIA URBANA: Uma análise  
de Porém Bruxa de Carol Chiovatto / Amanda Ariani  
Ferreir Ferreira da Silva. -- Rio de Janeiro, 2023.  
37 f.

Orientador: Danielle dos Santos Corpas.  
Coorientador: Luciana dos Santos Salles.  
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade  
de Letras, Bacharel em Letras: Português - Inglês,  
2023.

1. Fantasia Urbana. 2. Tropos. 3. Porém Bruxa.  
I. dos Santos Corpas, Danielle , orient. II. dos  
Santos Salles, Luciana , coorient. III. Título.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço ao universo que sempre conspirou ao meu favor e guiou a minha jornada pelos melhores caminhos; ao menos, é no que eu gosto de acreditar.

Aos meus pais, Alessandra Ferreira e Carlos Henrique, por me ouvirem narrar histórias com mundos imaginários por horas infinitas durante a minha infância.

Ao meu companheiro, Caique Monteiro, por ser o riso nos momentos tristes, a luminosidade na escuridão, e o apoio em meio ao caos.

Aos amigos que dividiram comigo os momentos lindos e difíceis, especialmente Luise e Brígida, que não deixaram a solidão ser parte da minha jornada universitária.

À minha orientadora, Danielle Corpas, pelo direcionamento sensacional, pelos diálogos esclarecedores e por me incentivar a pesquisar um assunto pelo qual tenho certa paixão.

Por fim, aos docentes e funcionários da Faculdade de Letras, principalmente os que me acompanharam na graduação, dando seu melhor para compartilhar conhecimentos e estabelecer trocas enriquecedoras. Sem dúvidas, carregarei comigo um pouco de cada um de vocês.

## RESUMO

SILVA, Amanda Ariani Ferreira. **Tropos em obras de fantasia urbana**: uma análise de *Porém Bruxa* de Carol Chiovatto. Rio de Janeiro, 2023. Monografia (Licenciatura em Letras Português-Literaturas) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2023.

O presente trabalho tem como objetivo avaliar se livros de fantasia urbana atuam como uma literatura transformadora e emancipatória ou se seguem certas fórmulas pré-determinadas pelo mercado buscando alcançar um alto número de vendas. Para além disso, avalia-se como a obra *Porém Bruxa*, publicada em 2020 pela autora Carol Chiovatto, atua nesse cenário. O primeiro capítulo propõe-se a introduzir o que se entende por literatura fantástica, a partir das noções elaboradas por H. P Lovecraft, Todorov, David Roas, Roberto de Souza Causo, Matangrano e Tavares. Ademais, busca-se discutir o que se compreende por “alta” e “baixa” fantasia, assim como uma concepção introdutória da fantasia urbana por John Clute. No segundo momento do primeiro capítulo, é abordada a necessidade de pensar a fantasia urbana, bem como os benefícios e as controvérsias associadas à sua produção. No capítulo dois, a análise se detém na questão mercadológica por trás dos *best-sellers* e no que se entende por tropos. Em seguida, examinam-se histórias de fantasia urbana como *Crepúsculo*, *Harry Potter*, *Fallen*, entre outros, com o propósito de avaliar possíveis padrões que essas narrativas compartilham entre si. Por fim, realiza-se uma análise de *Porém Bruxa*, na qual é possível observar a utilização de alguns tropos e de algumas convenções, que tornam parte do desenvolvimento da história previsível em algum grau, mas nota-se também a subversão de outros tropos e a quebra de expectativas através dos personagens.

Palavras-chave: Fantasia Urbana. Tropos. Porém Bruxa.

## ABSTRACT

SILVA, Amanda Ariani Ferreira. **Tropos em obras de fantasia urbana**: uma análise de *Porém Bruxa* de Carol Chiovatto. Rio de Janeiro, 2023. Monografia (Licenciatura em Letras Português-Literaturas) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2023.

The present work aims to evaluate whether urban fantasy books act as transformative and emancipatory literature or if they follow specific pre-determined formulas by the market to achieve high sales numbers. Additionally, it seeks to understand how the novel *Porém Bruxa*, published in 2020 by author Carol Chiovatto, operates in this scenario. In the first chapter, the intention is to introduce what is considered fantastic literature based on the notions developed by H.P. Lovecraft, Todorov, David Roas, Roberto de Souza Causo, Matangrano and Tavares. Furthermore, it aims to discuss the concepts of "high" and "low" fantasy as well as provide an introductory conception of urban fantasy by John Clute. The second part of the first chapter explored the need to consider urban fantasy in research, as well as the benefits and controversies associated with its production. In the second chapter, the analysis focuses on the market-driven aspect behind bestsellers and the understanding of tropes. Subsequently, urban fantasy stories such as *Twilight*, *Harry Potter*, and *Fallen*, among others, are examined in order to evaluate possible patterns that these narratives share. Finally, an analysis of *Porém Bruxa* is conducted, in which it is possible to observe the use of certain tropes and conventions, which makes the development of the story predictable to some extent. Still, it was also notable the subversion of other tropes and the breaking of expectations through the characters.

Key-words: Urban Fantasy. Tropes. *Porém Bruxa*.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	6
1.1 POR QUE PENSAR A LITERATURA DE FANTASIA URBANA?.....	9
2. A OCORRÊNCIA DOS TROPOS NA FANTASIA URBANA.....	14
3. UMA ANÁLISE DE <i>PORÉM BRUXA</i> .....	23
4. CONCLUSÃO.....	31
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	33

## 1. INTRODUÇÃO

Para H.P. Lovecraft, como exemplificado no livro *O horror sobrenatural na literatura*, onde é criada uma cronologia deste gênero, o fantástico é tão antigo como o pensamento e a fala, pois “aparece como ingrediente no folclore mais primitivo de todas as raças, e é cristalizado nas baladas, crônicas e escritos sagrados mais arcaico” (LOVECRAFT, 2020, p. 21). Porém, até os dias atuais, há divergências sobre o que se configura, de fato, como literatura fantástica.

Segundo Todorov (1992), o fantástico surge na história a partir de algo capaz de despedaçar as leis tidas como naturais no mundo real, sem necessitar de explicações. Para o teórico, o fantástico se dá pela hesitação do leitor e do personagem entre uma explicação natural e uma explicação sobrenatural, sendo o tempo de tal hesitação determinante (TODOROV, 2008, p. 37). Contudo, “se a dúvida entre o real e o sobrenatural persiste até o final e a narrativa termina em explicação lógica (sonho, loucura, truque), o texto não seria fantástico e sim parte da categoria que ele chama de ‘estranho’” (MATANGRANO, TAVARES, 2019, p. 17).

Já para o professor de Teoria da Literatura David Roas, o fantástico não consiste em um efeito de existência efêmera capaz ser reduzido a um jogo intratextual (ROAS, 2014, p. 121), mas sim da irrupção do sobrenatural em um mundo aparentemente normal.

Assim, para que a história narrada seja considerada fantástica, deve-se criar um espaço similar ao que o leitor habita, um espaço que se verá assaltado pelo fenômeno que transtornará sua estabilidade. (ROAS, 2014, p. 31)

Sendo assim, para o efeito do fantástico ser efetivamente alcançado, não podemos ignorar o que se estabelece como “normal” e “cotidiano”. Afinal, o fantástico “vai depender sempre do que consideramos real, e o real depende diretamente daquilo que conhecemos” (ROAS, 2014, p. 45-46). Portanto, a literatura de fantasia pode ser identificada como textos do universo da ficção que expõem o sobrenatural em suas narrativas, em outras palavras, uma ocorrência que fuja das leis que orientam o mundo com o qual o leitor é habituado (ROAS, 2001, p. 8).

Ademais, em seu ensaio intitulado “¿Qué es lo Neofantástico”, parte da coletânea *Teorías de lo Fantástico* (2001) organizada por David Roas, o crítico Jaime Alazraki reflete sobre o fato de parte dos autores das primeiras décadas do século XX enquadrarem no fantástico quaisquer obras com elementos sobrenaturais, o que para ele e para diversos outros



críticos seria um engano, pois o gênero em questão não se limitaria apenas a elementos fora do comum, mas também teria potencial de causar horror ao abalar convicções científicas. Assim, o medo seria “uma espécie de compensação pelo excesso de racionalidade num mundo pretensamente explicado pelas ciências, pela ordem racional, por um determinismo de causas e efeitos” (ALAZRAKI, in: ROAS, 2001, p. 267-270, apud ALVAREZ, 2012, p. 39).

Considerando isso, Alazraki propõe o conceito de neofantástico, que é como ele denomina sua abordagem do fantástico contemporâneo. Para ele, como colocado por Roxana Alvarez, embora as narrativas neofantásticas também desafiem as convicções científicas, “a intenção, no relato neofantástico, não tenciona provocar medo, mas sim inquietação ou perplexidade” (ALVAREZ, 2012, p. 42). Como nota Alvarez, segundo o crítico:

Os textos neofantásticos não desejam devastar a realidade por meio da introdução abrupta de um fato sobrenatural, como acontecia no fantástico tradicional. Os textos neofantásticos desejam propiciar a oportunidade de conhecer e intuir a realidade ultrapassando a fachada racionalmente construída que a esconde, valendo-se de um fato corriqueiro ou despojado de seu potencial assustador. (ALVAREZ, 2012, p. 41)

No entanto, embora a abordagem de Alazraki possa fornecer mais possibilidades para compreender diversas obras, esta pesquisa se deterá nos pressupostos de David Roas, considerando que as distinções entre o fantástico e o neofantástico não são indispensáveis para o desdobramento do trabalho atual. Pois, de acordo com Roas, "tanto o fantástico tradicional como o fantástico contemporâneo se baseiam em uma mesma ideia: produzir a incerteza diante do real" (ROAS, 2014, p.73). Logo, a literatura fantástica tradicional e a neofantástica são mais semelhantes do que podem aparentar em um primeiro momento:

A função do fantástico, tanto hoje como em 1700, ainda que por mecanismos bem diferentes — e que indicam as transformações de uma sociedade, de seus valores, em todas as ordens —, continua sendo a de iluminar por um instante os abismos do incognoscível que existe dentro e fora do homem, de criar assim uma incerteza em toda a realidade. (ROAS, 2014, p. 74)

Já Roberto de Souza Causo, em seu estudo pioneiro intitulado *Ficção Científica, Fantasia e Horror no Brasil: 1875 a 1950* (2003), prefere enxergar o fantástico pelo viés do gênero. Assim, ele propõe uma categorização ampla, dividindo o fantástico em três subgêneros principais: o horror, a ficção científica e a fantasia. Como a última é a mais nova entre eles, no Brasil, as discussões sobre a literatura de fantasia são muito recentes.

Afinal, apesar do nascimento do fantástico ainda ser tema de controvérsias, “certamente foi ao longo dos oitocentos que se difundiu, se popularizou e se multiplicou em várias formas [...]” (MATANGRANO, TAVARES, 2019, p. 25). Entretanto, é apenas no século XXI que surge no Brasil o que, de acordo com Matangrano e Tavares (2019, p. 131), talvez seja a vertente mais recente do fantástico, a qual viria “acompanhada de suas infinitas variantes: a fantasia urbana, a baixa fantasia, a alta fantasia [...]”.

Por isso, os debates sobre a literatura de fantasia, especialmente os relacionados à fantasia urbana, não são tão extensos. Desse modo, a presente pesquisa assume tons desafiadores, pois poucos materiais são encontrados ao se buscar por esse segmento da fantasia, e mesmo considerando a literatura fantástica como um todo, a maioria dos trabalhos disponíveis dá ênfase ao horror e à ficção científica — não à fantasia.

As narrativas de fantasia urbana são ambientadas em cenários urbanos modernos, podendo se passar em lugares fictícios ou reais. No seu livro *Encyclopedia of Fantasy*, John Clute (1997) assinala que a fantasia urbana se caracteriza como uma obra na qual a fantasia e o mundo urbano se entrelaçam e firmam uma história que é em boa medida sobre uma cidade real. Isso possibilita que os autores desenvolvam questões e desafios da vida moderna, como a política, a violência, a tecnologia e as relações sociais, através de uma perspectiva voltada para o sobrenatural.

No mais, os conceitos de “alta fantasia” e “baixa fantasia” também precisam ser explicitados, pois o presente trabalho vai focar em uma narrativa que está inserida no segundo grupo, o qual delimita histórias que ocorrem no mundo real e cujos elementos fantásticos são englobados em uma realidade já familiar. São exemplos disso obras como *Harry Potter e a Pedra Filosofal* (2000), de J.K. Rowling, onde parte da trama acontece em Londres, ou *A Arma Escarlate* (2011), de Renata Ventura, que transcorre no Rio de Janeiro. Uma história de alta fantasia, por outro lado, se desenrola em um mundo completamente fictício. Como exemplo, é possível citar *O Senhor dos Anéis* (1954), de J. R. R. Tolkien, ou *A Guerra dos Tronos* (2010), de George R. R. Martin.

Nesse sentido, as palavras “baixa” e “alta” não devem ser entendidas como medidas que avaliam a qualidade literária de determinado texto, visto que apenas se referem ao local no qual a história acontece, sendo a distância do “mundo real” o fator determinante.

A trama principal utilizada para reflexão aqui foi a fantasia urbana *Porém Bruxa* (2022), de Carol Chiovatto, escritora finalista do Jabuti na categoria Romance de

Entretenimento e Doutora em Letras-Inglês pela Universidade de São Paulo (USP). A narrativa gira em torno da bruxa intuitiva Ísis Rossetti. O trabalho dela é monitorar as atividades sobrenaturais na cidade de São Paulo, atuando para a harmonia dos dois mundos, o normal e o sobrenatural.

Além disso, por ser subordinada de uma organização, a protagonista precisa seguir regras, incluindo não se intrometer em casos criminais que não envolvam magia. Contudo, para Ísis, é praticamente impossível ignorar os problemas sérios da grande cidade e deixar de ajudar os comuns, como são chamados os humanos. A narrativa se desenvolve quando a bruxa se depara com casos policiais muito semelhantes e uma divindade lhe dá uma missão, obrigando Ísis a revisitar traumas do passado e lidar com o Corregedor responsável por fiscalizar suas atividades.

### ***1.1 Por que pensar a literatura de fantasia urbana?***

O ato de ler pode trazer diversos benefícios para a vida de uma pessoa. Ao realizar a leitura de um livro, o indivíduo é exposto a diversos conceitos e ideias, o que pode ajudá-lo a desenvolver sua capacidade de cognição e de reflexão.

Um estudo realizado por cientistas da Universidade de Emory, “Short- and Long-Term Effects of a Novel on Connectivity in the Brain”, investigou se a leitura de ficção poderia causar mudanças na conectividade cerebral. Para realizar a análise, vinte e uma pessoas passaram por exames de ressonância magnética antes e depois de ler uma história, e os resultados mostraram mudanças na conectividade cerebral que persistiram por vários dias após a leitura, sendo que as mudanças mais pronunciadas foram em áreas do cérebro associadas à compreensão da linguagem e ao processamento sensorial. Assim, o estudo sugere que a leitura pode ter um impacto duradouro nas redes neurais do cérebro, fortalecendo regiões cerebrais envolvidas na linguagem e na percepção sensorial e motora (BERNS, 2013, p. 599).

Somado a isso, de acordo com Berns (2013), as descobertas relacionadas aos sistemas de sensação física e movimento sugerem que, ao ler uma história, o leitor pode se sentir dentro do corpo do protagonista. Por consequência, ler poderia contribuir para o aumento da empatia, pois as pessoas são expostas a perspectivas e situações de vivências diferentes da sua, experienciando as histórias de personagens fictícios conforme se relacionam com seus

sentimentos. Entretanto, isso não é garantido em todas as obras literárias, pois alguns livros podem retratar personagens estereotipados, que não refletem as complexidades humanas ou utilizar esses personagens para passar mensagens deturpadas. Em seu trabalho “Era uma vez...Estereótipos de Gênero nos Livros Infantis”, por exemplo, Nunes reflete sobre como certos livros infantis premiados pela SPA/RTP na categoria “Melhor Livro InfantoJuvenil” comprovam e reforçam a manutenção de estereótipos de gênero (NUNES, 2017, p. 18), que podem ser prejudiciais para as crianças.

Ademais, conforme Yunes (2012, p. 43) explica, a leitura tem o poder de transformar, oferecendo cidadania e o desejo de ser protagonista da própria história, possibilitando a inserção no mundo e na sociedade, tudo isso proveniente da qualidade de uma informação articulada. Contudo, é importante destacar que nem todas as leituras têm o potencial transformador e emancipatório mencionado. Isso ocorre porque os livros também estão inseridos em um contexto mercadológico, o que pode levar as histórias a seguirem fórmulas previsíveis, clichês e enredos similares, buscando atender às demandas comerciais, como advertem os filósofos Adorno e Horkheimer (2009) ao falar da indústria cultural. Como resultado, tais obras podem reforçar visões simplistas ou criar narrativas baseadas apenas no sucesso das vendas, o que não exatamente promoveria a criticidade dos leitores.

Considerando as controvérsias em relação à leitura e à formação dos jovens leitores, a literatura de fantasia não deve ser desconsiderada em pesquisas na área de Letras, pois esse gênero literário pode ser um dos primeiros com os quais os leitores fazem contato; seja por meio de histórias para dormir, filmes ou desenhos, estas narrativas costumam atrair o interesse deste público. Além do mais, como sugere Antonio Candido, a fantasia não costuma ser desvinculada do mundo real, o que demonstra que a realidade também pode ser pensada de maneiras imaginativas e simbólicas através da fantasia. Dessa forma, a literatura de fantasia pode proporcionar uma experiência enriquecedora ao leitor, permitindo-lhe explorar tanto aspectos da realidade quanto da imaginação, possibilitando uma reflexão sobre a obra que é também uma reflexão sobre o mundo (CANDIDO, 2002, p. 81). No entanto, muitas vezes, a sociedade trata a literatura do ângulo de uma dicotomia limitante, na qual as narrativas são divididas como “úteis” e “não úteis”, como observa Michèle Petit, é preciso outra posição:

[...] longe das divisões estabelecidas que opõem, por exemplo, os partidários da leitura “utilitária” aos da leitura de enriquecimento. Quando encontro palavras que

me perturbam porque permitem expressar o que tenho de mais íntimo, assumo que isso é algo “útil” ou é um “prazer”? Como disse Freud, talvez seja algo que está “além” do prazer... (PETIT, 2008, p. 39)

Ainda de acordo com Petit (2008), a leitura possui quatro aspectos de extrema relevância, dentre eles: a construção de si próprio, que pode ser alcançada através da leitura, permitindo que o leitor dê sentido à sua própria experiência e vida, além de dar voz a seus sofrimentos, desejos e sonhos. E o outro aspecto relevante para a atual reflexão é a possibilidade de conhecer a experiência de outras pessoas, de diferentes épocas e lugares, que pode ensinar muito ao leitor sobre si mesmo.

[...] ler [...] é conhecer a experiência de homens e mulheres, daqui ou de outros lugares, de nossa época ou de épocas passadas, transcrita em palavras que podem nos ensinar muito sobre nós mesmos, sobre certas regiões de nós mesmos que ainda não havíamos explorado, ou que não havíamos conseguido expressar. (PETIT, 2008, p. 94).

Embora em livros de fantasia haja elementos sobrenaturais, os personagens possuem questionamentos, sonhos e anseios semelhantes aos do público leitor. Quando se trata de uma fantasia urbana cujo cenário é o mundo real e as questões cotidianas são semelhantes às vivenciadas pelos leitores, as identificações são ainda mais profundas. Como exemplo, podemos citar a própria protagonista de *Porém Bruxa*, Ísis Rosseti, que assim como muitos jovens adultos, vive uma rotina extenuante de trabalho enquanto lida com o caos da cidade grande para tentar manejar suas tarefas, que incluem tanto ajudar os humanos como cuidar das questões sobrenaturais que assolam a capital de São Paulo.

De acordo com Antonio Candido, um personagem representa “a possibilidade de adesão afetiva e intelectual do leitor, pelos mecanismos de identificações, projeção, transferência etc.” (CANDIDO, 2007, p.54). Logo, Ísis Rosseti, assim como tantos outros personagens, possibilitam o reconhecimento do leitor e, se são bem construídos, é possível que o leitor se modifique por meio deles, gerando o impacto transformador já observado pela visão de Yunes (2012) e ajudando-os a lidar com suas próprias questões.

Inclusive, a fantasia urbana de baixa fantasia que ocorre no Brasil é interessante na medida em que acontece uma busca pela inclusão de elementos fantásticos no cotidiano do cidadão comum, integrando o sobrenatural a elementos culturais locais — e não mais apenas a regiões estrangeiras, como em obras de fantasia urbana como *Um Tom Mais Escuro de Magia* (2016), de Victoria Schwab, que se desenrola em uma Londres reimaginada; ou

*Cidade dos Ossos* (2013), de Cassandra Clare, que ocorre em Nova Iorque. Desse modo, os elementos sobrenaturais, se bem utilizados, podem explorar através da fantasia particularidades culturais e sociais do país.

Além disso, quando o livro compartilha semelhanças com a realidade do leitor, ele pode — com mais facilidade — atribuir significado à leitura e assimilar melhor as informações. Afinal, a leitura é uma atividade complexa que envolve não apenas a decodificação do texto, mas também a compreensão do contexto em que ele foi produzido e a influência do contexto em que o leitor está inserido, como esclarece Martins:

O leitor assume um papel atuante, deixa de ser mero decodificador ou receptor passivo. E o contexto geral em que ele atua, as pessoas com quem convive passam a ter influência apreciável em seu desempenho na leitura. Isso porque o dar sentido a um texto implica sempre levar em conta a situação desse texto e de seu leitor. E a noção de texto aqui também é ampliada, não mais fica restrita ao que está escrito, mas abre-se para englobar diferentes linguagens. (MARTINS, 1994, p. 32-33)

Por outro lado, a fantasia urbana também tem a capacidade de trazer à tona os desejos mais profundos dos leitores, que muitas vezes encontram respostas nas páginas dos livros. Temas como imortalidade, amores eternos e intensos são recorrentes em muitas histórias de fantasia que fazem um sucesso tremendo, como é o caso da série de livros *Diários do Vampiro: o despertar* (2009), da escritora L. J. Smith, que narra um romance sobrenatural entre uma jovem e um vampiro. Ao ler sobre tais temáticas, parte dos jovens encontra conforto para seus anseios e realiza uma fuga da realidade. Nesse sentido, a fantasia poderia funcionar como um estímulo a idealização e ao conformismo, pois apresenta um mundo onde os desejos mais profundos são realizados e as dificuldades da vida real podem ser temporariamente ignoradas, o que pode proporcionar um tempo de lazer, mas também pode causar expectativas irrealistas e frustrações, assim como uma visão distorcida da realidade. Afinal, ao contrário dos livros do gênero, a vida real não conta com soluções mágicas.

Portanto, embora a fantasia urbana, como já mencionado, possua sua importância por estimular a criatividade e a empatia, além da possibilidade de contribuir para a formação de jovens leitores e para a criação de uma literatura que represente as diversas culturas do Brasil, é importante ressaltar que há também desafios associados à sua produção. Por exemplo, como muitos dos autores cresceram consumindo obras estrangeiras, é possível que muitas histórias, ainda que nacionais, reproduzam convenções que surgiram no exterior por causa da internalização do gênero. Além disso, como será discutido ao longo deste trabalho, com

alguns exemplos, junto da literatura de fantasia vem a pressão mercadológica, que muitas vezes influencia os autores a seguirem tendências e padrões para saciar demandas do mercado e expectativas dos leitores.

Nesse contexto, a literatura de fantasia urbana também pode ser analisada tendo em vista o conceito de “indústria cultural” proposto por Max Horkheimer e Theodor Adorno em *Dialética do esclarecimento* (2009), onde a produção em massa, entre outras coisas, se sobrepõe à originalidade e aos desejos criativos do autor. Portanto, utilizando alguns livros de fantasia urbana, como *Crepúsculo* (2008), *Cidade dos Ossos*, *A Arma Escarlate*, *Lugar Nenhum* (2007), entre outros, o atual estudo busca refletir sobre possíveis padrões narrativos presentes nessas produções, buscando avaliar se tais livros estão priorizando fórmulas específicas ou seguindo padrões, e como a obra *Porém Bruxa* se posiciona nesse cenário.

Todavia, antes de prosseguir com a explanação dos conceitos e ideias que ajudarão no desenvolvimento do presente trabalho, cabe também relacionar a minha experiência como produtora de conteúdo para as redes sociais, que foi de onde veio meu interesse pelo tema. A página “Sentimento de Leitor”, gerenciada por mim, está presente no *Instagram*, onde conta com 45.000 seguidores, e no *TikTok*, no qual o público soma mais de 50.000 pessoas. Nas redes em questão, um dos gêneros que mais indico é a fantasia, que sempre me intrigou por explorar as capacidades imaginativas. Contudo, senti o desejo de estudar os possíveis padrões presentes nestes livros após alguns leitores se dizerem incomodados não apenas pelas ocorrências narrativas muito similares nas obras do gênero, mas também pela maneira como muitos influenciadores literários divulgam essas histórias por seus tropos. Tais perspectivas serão examinadas mais a fundo a seguir.

## 2. A OCORRÊNCIA DOS TROPOS NA FANTASIA URBANA

O mercado editorial brasileiro atua em um cenário complexo, onde fatores econômicos e externos têm um impacto significativo nos negócios editoriais. Conforme relatado pelo portal *PublishNews* (2023), um veículo de notícias da indústria do livro, o varejo do setor de livros, jornais, revistas e papelaria registrou uma queda de 8% no volume de vendas em março de 2023 em comparação ao mesmo mês do ano anterior. Considerando que o setor editorial, muitas vezes, sofre esse tipo de instabilidade, muitas editoras enfrentam desafios estratégicos para superar certos obstáculos, como o diretor executivo da Alta Books, editora brasileira, explica:

Com a economia deprimida e o poder de compra defasado, é desafiador recompor margens e equilibrar custos. Do mesmo modo, papel escasso e inflacionado segue trazendo desafios estratégicos enormes aos editores, assim como o dólar valorizado gera impactos negativos aos negócios, à medida que o mercado editorial é, por si só, dolarizado (insumos, adiantamentos em escala, que são endividamentos, entre outros). (RUGGERI, 2023)

Dito isso, em momentos de pressão mercadológica, não é incomum que as editoras optem por investir em *best-sellers* internacionais, ou seja, livros mais comerciais que frequentemente aparecem nas listas dos mais vendidos em suas culturas de origem. Dessa maneira, os riscos financeiros envolvidos na produção de um livro poderiam ser minimizados, uma vez que esses livros já possuem uma demanda estabelecida no mercado e uma base de leitores fiéis já comprovada, ao contrário de livros menos conhecidos ou de autores estreantes, que geralmente acarretam maior risco financeiro.

Dentro do contexto da Indústria Cultural, porém, os *best-sellers* também poderiam se configurar como uma maneira de atender a um gosto padrão, ou seja, preferências dominantes que muitas vezes incluem, de acordo com Fernando Moreno da Silva em seu artigo “Cultura e mercado: o *best-seller* em questão”, “repetição de modelos, superficialidade no tratamento da matéria, concessões ao fácil e seduções baratas” (SILVA, 2006, p. 5). Para ele, esse fenômeno é resultado de uma exploração psicológica sutil, imposta principalmente pelos meios de comunicação de massa, que influenciam e moldam as escolhas e ações do indivíduo (Ibidem).

Para Muniz Sodré, realmente há padrões recorrentes nos livros considerados *best-sellers*, que “costumam misturar elementos policiais com aventuras, com sentimento ou



sexo, com terror, com sagas familiares etc.” (SODRÉ, 1985, p. 95). No entanto, conforme o mesmo autor, em obra de 1978 (*Teoria da literatura de massa*), a literatura de massa não é inferior à literatura erudita, mas se distingue por apresentar um discurso diferente, pautado em regras de produção e consumo distintas (apud SILVA; BOMBINI, 2018, p. 2014). Afinal, a preocupação central desse tipo de obra não reside na língua ou na reflexão sobre a técnica romanesca. Em vez disso, como reforçado por Silva e Bombini (2018), a linguagem possui como princípio construir uma comunicação e deve ser acessível, uma vez que isso aumentaria o alcance dos livros. Na verdade, quando se trata da literatura de massa,

O que importa mesmo são os conteúdos fabulativos (e, portanto, a intriga com sua estrutura clássica de princípio-tensão, clímax, desfecho e catarse), destinados a mobilizar a consciência do leitor, exasperando a sua sensibilidade. (SODRÉ, 1985, p. 15)

Tendo em vista que elementos como clímax, tensão e desfecho são essenciais para conquistar a atenção do leitor, o escritor, nesse cenário, precisa saber quais temáticas são do interesse do público (SILVA; BOMBINI, 2018, p. 2015). Entretanto, a necessidade de criar narrativas que atendam as expectativas dos leitores e os cativem implica o surgimento de padrões nas narrativas (Ibidem). Certamente, uma das razões para isso se encontra no desejo de aumentar o número de vendas, pois os leitores seriam mais facilmente convencidos a adquirir livros que abordem temáticas atrativas, com as quais já se relacionam de alguma maneira.

Nesse sentido, quando determinada história alcança um alto desempenho no número de vendas, a tendência é que autores e editoras procurem replicar o mesmo resultado. É o que se pode observar com a famosa série de livros *Corte de Espinhos e Rosas* (2015), da escritora Sarah J. Maas, que se tornou um *best-seller* do *The New York Times* após apenas uma semana de lançamento e vendeu milhões de cópias ao redor do mundo. A história, que combina elementos de romance e fantasia, narra a história da jovem Feyre Archeron, que vive em um mundo dividido entre humanos e feéricos, criaturas imortais que são extremamente belas.

Não surpreendentemente, desde os lançamentos de Maas sobre o mundo dos feéricos, que também inclui a série *Trono de Vidro* (2013) e *Cidade da Lua Crescente* (2020), diversas outras histórias com a temática dos feéricos surgiram e alcançaram sucesso entre os leitores, incluindo *O Príncipe Cruel* (2019), de Holly Black, *Promessas Vazias* (2022), de Lexi Ryan, e *O Encanto dos Corvos* (2021), de Margaret Rogerson. Dentre as semelhanças compartilhadas pelas histórias citadas e *Corte de Espinhos e Rosas*, é possível notar, por

exemplo, a presença de protagonistas femininas humanas que, em dado momento, adentram o mundo dos feéricos, que não é gentil com humanos, e adquirem um interesse romântico por um ser da raça feérica. De fato, de acordo com o autor Gary Swaby (2021), Maas estabeleceu tendências que mudaram todo o mercado de fantasia jovem adulto por um período de tempo, assim como *Jogos Vorazes* o fez antes dela no mercado distópico jovem adulto.

No entanto, apesar de os padrões narrativos que surgem por uma tentativa de replicar o alto número de vendas de obras específicas não serem uma garantia de êxito e tão pouco um comportamento reproduzido por todos os autores, é possível observar, considerando o sucesso de muitas narrativas feéricas que se seguiram ao lançamento de Maas, que uma demanda surge entre os leitores com o sucesso de determinadas histórias, o que pode gerar uma busca por narrativas similares. Por isso, devemos atentar para o conceito dos chamados *tropos* na atualidade.

De acordo com Duarte (2018, p. 85), o tropo adquiriu um novo sentido, que adveio dos estudos de cinema, TV e, mais recentemente, da literatura. Foi no início do século XXI que o tropo passou a ser utilizado de forma mais sistemática como um termo que resume o emprego das figuras de linguagem na criação de "uma imagem universalmente identificada imbuída com diversas camadas de significado contextual, criando uma nova metáfora visual" (RIZZO apud DUARTE, 2018, p. 85).

Dessa maneira, os tropos podem ser entendidos como elementos que se repetem em certas narrativas e, portanto, se tornam reconhecíveis pelos leitores, uma vez que o leitor reconhece determinado padrão e já sabe o que esperar, pois já foi exposto ao mesmo em outras narrativas. Assim, o interesse pela história, muitas vezes, é facilitado, pois parte do público busca elementos familiares mesmo em livros que ainda não foram lidos. Posto isso, os tropos podem abranger uma variedade de aspectos literários, como personagens, enredos e temas. Mas, se por um lado estes padrões podem gerar familiaridade com o leitor e antecipar suas expectativas, por outro, quando usados apenas para propósitos de vendas e para atender as demandas do público, podem tornar as narrativas previsíveis e simplistas.

No entanto, é válido destacar que os tropos em si não representam um problema, pois são elementos que podem ser utilizados de forma criativa para subverter as expectativas do público, desafiando as convenções estabelecidas. Afinal, se o autor entende as expectativas dos leitores e os elementos que lhe são familiares, a subversão dos tropos poderia desafiar tais expectativas, explorando novos ângulos e abordagens, que fogem dos padrões tradicionais.

Do mesmo modo, ao desconstruir clichês é possível quebrar expectativas, causando o efeito do humor. Lúcio Mauro Filho, ator brasileiro, aborda essa questão no trecho abaixo ao falar sobre o monólogo *Clichê*, no qual explora as frases prontas e recursos já muito utilizados no português para gerar humor e reflexão.

A subversão linguística acaba dando a possibilidade de você chegar à originalidade. Porque você pode pegar um chavão, algo com que as pessoas estejam extremamente acostumadas, e ainda assim ser original. E acho que um dos melhores exemplos que cito na peça é: “da onde menos se espera é da onde não vem p... nenhuma”. É uma desconstrução dos clichês. A subversão linguística vem como uma proposta de antídoto para essa paralisia do clichê. Porque há também a possibilidade de subverter o clichê e chegar a uma frase que as pessoas também entendam. Até para mostrar também que o clichê não é indestrutível. (FILHO, 2011)

Contudo, embora os tropos possam ser utilizados para subverter as expectativas do público e gerar histórias inovadoras, igualmente os tropos podem atuar na simplificação de personagens ou passar mensagens deturpadas. É o que ocorre, por exemplo, em muitas narrativas que utilizam o tropo da “donzela em perigo”, que costuma ser usado para apresentar um herói masculino ou para desenvolver a relação romântica entre dois personagens, mas acaba colocando a mulher no papel de vulnerável que precisa ser resgatada pelo homem que vai garantir a sua segurança.

Nesse contexto, a personagem feminina pode ser reduzida a uma vítima passiva, que, em prol do romance, deixa de possuir sua própria complexidade com forças e fraquezas para tornar-se apenas um recurso narrativo para alcançar determinado fim. Um exemplo disso pode ser encontrado em *Crepúsculo*, de Stephanie Meyer, uma história de fantasia que ocorre na cidade real de Forks e narra o envolvimento de uma jovem humana, Isabella Swan, com um vampiro, Edward Cullen. Por considerar a jovem Bella indefesa, Edward assume um comportamento superprotetor em diversos momentos da história, seja insistindo para que a protagonista se alimente ou impondo suas vontades ao invés de buscar convencê-la com uma conversa, como no trecho abaixo, que ocorre quando a protagonista decide ir para casa logo depois de sentir-se mal. Edward, porém, se recusa a deixá-la dirigir com ameaça e autoritarismo, ao invés de dialogar com a personagem.

“Sou perfeitamente capaz de dirigir para casa!” Fiquei parada ao lado do carro, fumegando. Agora chovia forte e eu não havia posto o capuz, então meu cabelo estava pingando nas minhas costas. Ele baixou o vidro elétrico e se inclinou para mim sobre o assento. “Entre, Bella.” Não respondi. Estava calculando mentalmente

minhas chances de chegar à picape antes que ele pudesse me alcançar. Tinha que admitir que não eram boas. “Vou arrastar você de volta” ameaçou ele, adivinhando meus planos. (MEYER, 2008, p. 83)

Dada a vasta gama de elementos recorrentes em narrativas de ficção, este trabalho se concentrará na exploração dos mais comumente encontrados em narrativas de fantasia urbana. De acordo com o escritor Steven S. Long (2011, p. 13), a fantasia urbana mistura cenários do mundo real moderno e utiliza tropos de Fantasia. Em alguns casos, a magia é conhecida por todos e, talvez, até uma força que muda a sociedade, enquanto em outros, há uma "história oculta", que pode ser uma sociedade secreta ou grupos de criaturas míticas que influenciaram a história de maneiras que a maioria das pessoas não sabe.

De fato, um dos principais tropos encontrados nestas narrativas é o do mundo oculto (o protagonista descobre um mundo mágico não percebido em meio à realidade cotidiana). Assim, o personagem principal geralmente se depara com uma realidade paralela, onde seres sobrenaturais e magia coexistem com o mundo humano. Um exemplo dessa abordagem é encontrado no livro *Cidade dos Ossos*, onde a protagonista, Clary, descobre que em Nova Iorque operam os “Caçadores de Sombras”, guerreiros responsáveis por proteger o mundo humano de demônios e outras criaturas. Da mesma forma, em *Deuses Americanos* (2016), de Neil Gaiman, uma história ambientada no interior do Estados Unidos, um ex-presidiário, após aceitar um trabalho peculiar, sai em uma jornada na qual vai encontrar os deuses antigos e modernos.

Outro tropo muito presente na fantasia urbana é o do romance entre seres sobrenaturais e humanos. Geralmente, são relacionamentos desafiadores e proibidos que geram tensões emocionais e conflitos entre os personagens. Um exemplo é a série de livros *Hush, Hush* (2012), de Becca Fitzpatrick, onde a protagonista se envolve em um romance com um anjo caído, desafiando as regras da sociedade e enfrentando as consequências da paixão proibida. A premissa é similar a *Fallen* (2011), de Lauren Kate, no qual a adolescente Lucinda Price enfrenta as consequências de se envolver com um anjo caído. Ou, até mesmo, *Crepúsculo*, onde observa-se a relação de uma humana com um vampiro.

Outro elemento recorrente em obras de fantasia urbana é o da protagonista que descobre ter poderes ou habilidades especiais, muitas vezes desconhecidos até então. Um exemplo disso é encontrado em *A Arma Escarlate*, onde o protagonista descobre ser um bruxo em meio a um tiroteio que ocorre em Santa Marta, uma comunidade do Rio de Janeiro. Além disso, na saga *Harry Potter*, o famoso bruxo descobre suas habilidades

especiais apenas quando completa a idade adequada para receber uma carta de admissão da Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts. Igualmente, em *Cidade dos Ossos*, Clary descobre seus poderes apenas quando entende que foi a única capaz de presenciar um crime.

Além disso, diversas obras de fantasia também trabalham com o tropo do protagonista que é o escolhido, ou seja, é destinado a um papel importante relacionado a derrotar o mal e restaurar o equilíbrio. Geralmente, o personagem em questão é enviado para uma missão heroica, faz parte de uma profecia etc. Um exemplo clássico disso se encontra na saga *Harry Potter*, onde o protagonista é o único capaz de derrotar o grande vilão do mundo bruxo, pois foi o único a sobreviver a um dos seus ataques quando era apenas um bebê. Também é possível citar a série *Percy Jackson e o Ladrão de Raios* (2012), na qual um garoto vive uma rotina normal até descobrir que é um semideus, filho do Poseidon, que deverá ir para um acampamento especial desenvolver suas habilidades.

Em narrativas de fantasia urbana, também é comum encontrar histórias nas quais a cidade assume o papel de um personagem, de modo que o cenário urbano é personificado e ganha características místicas ou encantadas, passando a desempenhar um papel significativo na história. Nesse caso, a cidade se torna um elemento vivo e influente, capaz de afetar os eventos e os personagens. É o caso de *Lugar Nenhum*, de Neil Gaiman, onde Richard descobre a "Londres de Baixo", uma cidade que se abre nos esgotos e nos túneis subterrâneos, onde vivem monstros e personagens únicos, que não podem ser vistos pelos que moram na "Londres de Cima".

Ademais, o tropo do protagonista relutante também é um elemento frequente em livros de fantasia em geral. É caracterizado por um personagem principal que evita aceitar seu papel no mundo mágico ou utilizar seus poderes. Um exemplo notável é encontrado em *O Hobbit* (2019), de J.R.R. Tolkien. Bilbo Bolseiro hesita em embarcar na aventura proposta pelo mago Gandalf e se sente desconfortável com a ideia de enfrentar perigos desconhecidos. Inclusive, assim como diversas histórias de fantasia, a trama com Bilbo segue uma progressão específica, onde ocorre o chamado para a aventura, os desafios, a transformação e o retorno, sendo um clássico exemplo da intitulada Jornada do Herói.

Além destas recorrências em narrativas de fantasia urbana, diversas outras poderiam ser citadas, incluindo a figura do mentor misterioso, que guia o protagonista; o uso do artefato mágico, um objeto com poderes especiais que desempenhará um papel relevante na história; a aliança improvável, que ocorre, geralmente, quando personagens de diferentes

culturas precisam se aliar para derrotar um inimigo comum; a escolha entre destino e o livre arbítrio, que se dá quando o personagem principal precisa se decidir entre seguir um caminho predeterminado ou moldar sua própria jornada etc. E, para além dos fatores comuns nas tramas de fantasia urbana, é válido citar alguns tropos que, embora não sejam tão inerentemente ligados a essas histórias, são muito populares entre o público e, portanto, acabam sendo muito utilizados em todos os tipos de livros de fantasia.

O tropo do *enemies to lovers* (de inimigos a amantes, em português), por exemplo, refere-se a jornadas de protagonistas que, geralmente, começam em lados opostos e, portanto, possuem visões muito diferentes. Por isso, sua relação é pautada pela hostilidade ou até mesmo ódio mútuo, mas, ao longo da trama, acabam desenvolvendo sentimentos românticos um pelo outro. Geralmente, isso ocorre quando os personagens descobrem certas similaridades entre si após, por circunstâncias impostas, passarem algum tempo juntos.

Diversos leitores são atraídos por esta dinâmica emocional, que já apareceu em muitos livros de fantasia, incluindo a obra *Cidade da Lua Crescente*, na qual Bryce Quinlan, uma semiféérica, precisa se juntar a um anjo caído, Hunt Athalar, para descobrir quem assassinou os seus amigos. Inicialmente, Bryce e Hunt não conseguem se entender, mas com o decorrer da investigação os dois começam a se conectar até formarem um par romântico. Outro exemplo se encontra em *O Príncipe Cruel*, onde Jude é uma humana que, inicialmente, entra em conflitos intensos com o príncipe Cardan, um feérico. Além disso, em *Passáro e Serpente* (2021), de Shelby Mahurin, o leitor acompanha a narrativa de uma bruxa forçada a se casar com um homem que caça a sua espécie, o que o torna um inimigo natural, mas a relação entre os dois também se transforma em um interesse amoroso.

Dentre as razões que podem justificar as constantes aparições do tropo em questão, é possível observar a sua fama entre o público leitor. Apenas no *TikTok*, a hashtag *enemies to lovers* (*#enemiestoloversbooks*), que serve para ajudar usuários a encontrar livros com relacionamentos onde o casal inicia a trama como inimigos, possui mais de 208 milhões de visualizações. Inclusive, de acordo com a repórter Elizabeth A. Harris, em matéria publicada no *The New York Times*, o *TikTok* se tornou uma “máquina de *best-sellers*”, atuando como um impulsionador dominante nas vendas de livros de ficção (2022).

A grande maioria dos vídeos do BookTok acontece organicamente, postados por jovens leitores entusiasmados. Para os editores, foi uma surpresa inesperada: uma indústria que depende de as pessoas se perderem na palavra impressa está obtendo

dividendos de um aplicativo digital criado para períodos de atenção fugazes. (HARRIS, 2021, tradução nossa)

Atualmente, uma das forças dominantes na ficção para adultos, o BookTok ajudou os autores a vender 20 milhões de livros impressos em 2021, de acordo com a BookScan. Até este ano (2022), essas vendas aumentaram outros 50 por cento. A NPD Books disse que nenhuma outra forma de mídia social teve esse tipo de impacto nas vendas. (HARRIS, 2022, tradução nossa)

Além da influência significativa do TikTok na venda de livros, o caráter fugaz da rede social também deve ser considerado, pois o usuário tende a ir de um vídeo para o outro com rapidez, então é essencial que o conteúdo conquiste a atenção do espectador o mais rápido possível. Desse modo, ao invés de se dedicar a explorar com profundidade o enredo de determinada história, uma das estratégias para a divulgação de livros utilizadas por usuários da plataforma é citar os tropos presentes nas obras. Nesse cenário, nota-se que os tropos se tornaram não apenas uma maneira de fazer determinadas temáticas chegarem ao público interessado com mais facilidade, mas também um meio de divulgação, especialmente se o tropo em questão é mais comercial, ou seja, mais buscado pelo público, como é o caso do *enemies to lovers* e outros tropos românticos. Inclusive, em entrevista para a *Paste*, revista estadunidense, Ali Hazelwood, uma autora best-seller, afirma como selecionar um livro pelo tropo lhe proporciona a garantia de obter a experiência desejada.

Não tenho certeza sobre outras pessoas, mas definitivamente sou uma leitora de humor, então poder selecionar um livro pelo tropo me ajuda a ter certeza de que vou amá-lo e que estou recebendo exatamente o que eu preciso para um momento específico. (HAZELWOOD, 2022)

Dessa maneira, é possível observar que, de fato, há um público que define suas leituras de acordo com os tropos que vão encontrar nos livros e que, mesmo alguns autores, são fortemente influenciados por eles. Como observa-se no trecho abaixo, no qual Hazelwood afirma que sua agente a orientou com os tropos que deveriam ser a base do seu próximo livro.

Eu era principalmente uma escritora de fanfics antes, então "Love on the Brain", de muitas maneiras, é o primeiro livro que eu já escrevi do zero. Eu meio que nem sabia por onde começar, e minha agente me orientou bastante. Ela disse que adoraria ler uma história acadêmica de rivais que se tornam amantes, e então ela disse que adoraria se esses rivais estivessem se comunicando, mas não soubessem que estão se comunicando. Ela me deu vários tropos nos quais ela queria que eu construísse a história, o que foi realmente muito útil, porque sou muito indecisa e não tinha ideia do que estava fazendo. (HAZELWOOD, 2022)

Assim como o tropo do inimigos que se apaixonam, o tropo dos rivais que passam a se gostar também é muito similar ao primeiro, porém a razão do desafeto do casal se dá através de uma rivalidade, que pode ser acadêmica, profissional, esportiva etc. Este tropo também é muito popular entre os leitores, o que de certo modo também justifica suas muitas aparições. Outros tropos muito recorrentes são o amor proibido, o casamento por conveniência, amigos que se apaixonam, entre outros, sendo comum que haja uma mesclagem entre eles.

Por outro lado, no podcast "Curta Ficção", apresentado por Jana Bianchi e Thiago Lee (2018), no episódio "Tropos na Fantasia", o assunto dos tropos foi discutido com o autor Felipe Castilho, tendo como referência seu livro *Ordem Vermelha: filhos da degradação* (2017). Durante o episódio, Castilho afirma que "por mais que eu tivesse em mente que eu iria quebrar muito do que é esperado dentro do gênero, eu achei que eu não deveria fazer isso logo de cara" (minuto 06:42). Ou seja, é possível utilizar tropos e padrões narrativos como ponto de partida na criação de uma história com o propósito de subverter as expectativas do público.

No entanto, quando as narrativas são construídas à base de tropos tendo em vista apenas o propósito mercadológico, visando unicamente a conquistar determinado público, é importante considerar a previsibilidade como uma das consequências. Pois como cada tropo costuma implicar um determinado desdobramento, não é difícil prever os caminhos que uma história construída em cima de padrões vai seguir. Além disso, quando o mercado influencia os autores a criarem histórias baseadas em fórmulas pré-determinadas, existe a possibilidade de a narrativa se tornar superficial, pois apenas trabalha com motivos e trajetórias já muito explorados em outros livros. Logo, a dependência de tropos é capaz de limitar a exploração de temas e abordagens mais complexas quando o autor se atém a um molde específico, sendo possível que a singularidade dos personagens e das suas trajetórias sejam negligenciadas.

Logo, ao pensar na fantasia, um gênero que é tão presente na vida das crianças e dos jovens, é essencial questionar a estruturação das narrativas baseadas em tropos que, embora sejam familiares e possam trazer conforto ao leitor à medida que lhe propiciam uma fuga da realidade, não necessariamente trazem novos caminhos e perspectivas.



### 3. UMA ANÁLISE DE *PORÉM BRUXA*

Segundo Alexander Irvine (2019), vencedor do prêmio Crawford Award, que é concedido a escritores estreados cujos livros são considerados notáveis, existem dois tipos de fantasia urbana. O primeiro é a fantasia urbana folclórica, que deriva mais diretamente da tradição literária de fantasia. Nesse tipo de narrativa, uma cidade mais ou menos reconhecível está em contato com algum reino mágico, e a história redesenha os personagens de contos de fadas e folclore antigos, forçando-os a colidir com um ambiente urbano contemporâneo. Já o segundo tipo de fantasia urbana deriva da tradição de exploração da existência urbana e usa os dispositivos do fantástico para continuar essa exploração. Nesse caso, a cidade é o elemento determinante da natureza fantástica da história. Para Irvine, ambos os tipos de narrativa lidam com o sublime, mas enquanto um localiza o sublime na irrupção de poderes sobrenaturais reavivados no cenário urbano, no outro o próprio cenário urbano é o local do sublime (IRVINE, 2019, p. 201).

Em *Porém Bruxa*, os poderes sobrenaturais irrompem no cenário urbano. Às vezes, isso ocorre através da figura de Ísis Rossetti, que utiliza suas habilidades bruxas para desvendar crimes relacionados ou não ao mundo mágico, usando um feitiço localizador para encontrar uma menina raptada ou ajudando bombeiros a resgatarem mendigos em um prédio prestes a ceder. Às vezes, o mesmo acontece por meio de outros personagens, por exemplo, o Corregedor responsável por monitorar Ísis utiliza frequentemente a habilidade de abrir portais em lugares comuns, como uma sala de estar.

Contudo, em vez de redesenhar personagens de contos de fadas e folclore antigos, as figuras fantásticas que transitam no ambiente urbano em *Porém Bruxa* são extremamente diversas, variando desde menções às divindades gregas até muitas interações com orixás que, como será explorado, são uma parte essencial da história, pois guiam algumas das principais ações da protagonista.

Ao longo da narrativa, Ísis se vê envolvida em duas investigações principais. Uma delas é o rapto de uma garotinha chamada Valentina, que ocorreu em circunstâncias misteriosas e ativou a intuição da protagonista, o que sugere que havia magia envolvida no caso. Já a outra abarca o sumiço de uma mulher, Denise, que é denunciado pelo filho Pedro e indica um possível caso de feminicídio, pois há uma forte suspeita sobre a figura do padrasto de Pedro. Apesar de atuar como monitora de atividades mágicas e não poder interferir nas

investigações dos comuns, Ísis também se envolve neste possível caso de violência contra a mulher a pedido de Helena, uma delegada e sua amiga.

— Qual a boa?

— Desaparecimento. A mulher já sofreu violência doméstica. Retirou a queixa duas vezes, faz três anos. Ontem o filho veio denunciar o sumiço da mãe e acusar o padrasto. (CHIOVATTO, 2022, p.17)

No entanto, além destas investigações, ainda no início da trama, um terreiro é depredado por influência de um pastor chamado Marco Dimas, e Exu se comunica com a protagonista através de uma senhora, a Mãe Margarete, que se recusa a ir até o hospital antes de falar com a Ísis. Apenas quando a protagonista chega ao local, Exu diz que os orixás a observam e que traz uma mensagem (2022, p. 22). Em seguida, a divindade envia para a sua consciência através de um toque na testa a imagem de um artefato de madeira na forma de uma onça e então desaparece.

Neste início do livro, é possível identificar o tropo já mencionado do escolhido, tendo em vista que Ísis é especialmente selecionada para visualizar a imagem enviada pela entidade e, por consequência, solucionar o mistério que envolve o objeto mágico. Com o passar das páginas, a protagonista, junto da delegada, encontra Valentina, que estava sendo vigiada por dois homens, através de um feitiço – um deles era Jorge, o padrasto suspeito de feminicídio. Já em relação ao segundo caso, o assassinato de Denise é confirmado pelo próprio Jorge. Posto isso, a reviravolta da narrativa se dá pela descoberta de que o pastor Marco Dimas seria o pai biológico de Valentina, que teria sido fruto de uma relação fora do casamento, e o grande vilão da história. Seu desejo era quebrar o “selo”, o artefato no formato de onça, e fazer um sacrifício de sangue para realizar um feitiço que libertaria um demônio.

No entanto, assim como ocorre na convenção do tropo do escolhido, Ísis de fato é destinada a derrotar o mal e restaurar o equilíbrio, pois no fim da história é ela a responsável por identificar o grande vilão e derrotá-lo, ganhando da “Terra” o poder de sentenciar o falso pastor com uma espécie de maldição que removeria a proteção concedida pela “Grande Mãe” a todos os mortais.

Agora você vai ter que usar o poder do seu *mestre*, Dimas. Só que, sem a proteção que a Terra dá a todos os mortais, ele vai te consumir num instante. Se você fizer qualquer feitiço, por mais simples que pareça, seu corpo vai se reduzir a pó. Foi isso que eu tirei de você. O dom da Grande Mãe a todas as criaturas. (CHIOVATTO, 2022, p.209)

Além disso, artefatos mágicos também são um tropo comum na fantasia. Desde histórias mais antigas, como em *O Senhor dos Anéis* (2001), onde os anéis mágicos possuem papel central na trama, até narrativas mais recentes como o primeiro volume da saga *Harry Potter*, que explora a pedra filosofal e os perigos que advêm com a ganância do vilão, Lorde Voldemort, pela vida eterna. Similarmente, o selo em *Porém Bruxa* também é tratado como um objeto com o qual é preciso ter cuidado, pois nas mãos erradas poderia ser utilizado para fins desastrosos. No entanto, isso não chega a acontecer, uma vez que, assim como em *Harry Potter e a Pedra Filosofal* e demais histórias, apesar de a heroína e seus companheiros terem dificuldade em localizar o objeto, a segurança dele é garantida no final.

Soma-se a isso o fato de que, de acordo com Steven S. Long, em narrativas de fantasia urbana, a magia é geralmente fraca e sutil, e o herói muitas vezes se envolve em conflitos entre o bem e o mal ou usa a magia para resolver problemas sociais (2011, p.13). Em relação à magia, o livro da finalista do Jabuti, em grande parte da trama, de fato se atém àquelas menos visíveis ou espetaculares. Como Ísis é uma bruxa intuitiva, seus poderes em muitos momentos passam praticamente despercebidos para os humanos, como é o caso do excerto abaixo, no qual a protagonista ajuda os bombeiros a localizar pessoas em um prédio prestes a desabar.

— Tem alguém ali. — Apontei para um setor no quinto andar.

Não era Dulce, mas uma pessoa ainda *viva*, cujo desespero me alcançava em ondas vigorosas. O homem me olhou, estreitando os olhos na direção indicada.

— Tem alguém ali — repeti, mais enfática, sem parar de procurar. O bombeiro hesitou, mas entendeu o subtexto e falou algo no rádio. Uma dupla de oficiais começou a fazer os arranjos necessários para viabilizar o resgate. (CHIOVATTO, 2022, p. 128)

Entretanto, embora magias mais significativas ou perceptíveis aos olhos comuns não ocorram de modo tão recorrente na narrativa, ainda é possível notar em alguns momentos o uso de magias consideravelmente marcantes, incluindo os portais do Corregedor, que permitem uma travessia entre mundos, ou o embate final da protagonista com o falso pastor, quando observam-se demonstrações mais expressivas e visíveis de poder, na medida em que Ísis consegue controlar a terra para se defender e lutar contra Marco Dimas.

[...] Cuspi no solo, sussurrando um feitiço. Dimas veio para a beira da vala, procurando. O chão sob mim se reconfigurou, criando uma plataforma que subiu e subiu, me trazendo à altura dele e fechando a vala. (CHIOVATTO, 2022, p.206)

Além disso, a luta entre o bem e o mal é de fato muito presente em grande parte dos livros do gênero, seja em tramas como a saga *Harry Potter*, onde o herói precisa enfrentar um poderoso bruxo das trevas cujo grande objetivo é controlar o mundo mágico, até histórias como *Porém Bruxa*, na qual a heroína se envolve em investigações sobre crimes contra a vida. Contudo, a saga *Harry Potter* delimita inicialmente, de forma mais nítida, os que estão do lado do bem e os que habitam o lado do mal. Afinal, apesar de ao longo da saga alguns personagens mostrarem uma dualidade moral, é possível observar nos livros de J. K. Rowling uma divisão explícita entre os lados opostos no mundo bruxo, dado que os apoiadores do bruxo do mal possuem um nome (Comensais da Morte) e uma marca que os distingue. E, mesmo no início da trama, o protagonista anseia por não ser designado para a Sonserina, uma das casas de *Hogwarts* onde estariam a maioria dos bruxos com tendência ao mal.

Em *Porém Bruxa*, no entanto, os lados do bem e do mal se confundem com muita frequência, seja quando o antigo corregedor, antes responsável por auxiliar a protagonista, é responsável por torturá-la e deixar sequelas ao invadir a sua mente, seja quando o pastor é revelado como o grande vilão da narrativa, ou quando um policial, que deveria ser uma autoridade respeitável, planta drogas na casa da protagonista para incriminá-la.

Um policial veio me algemar e em seguida me puxou para fora. Nossa pequena comitiva chamou atenção ao deixar o prédio, e várias exclamações me acompanharam até a viatura. Eu já devia suspeitar que aquele escroto não deixaria barato. O ódio me incendiava. Torci para me controlar e não fazer nenhuma besteira. *Porra, plantar drogas na minha casa para me incriminar!* (CHIOVATTO, 2022, p. 107)

Ao desafiar a oposição simplista entre o bem e o mal, a autora apresenta personagens que não se encaixam facilmente em categorias predeterminadas, aproximando-os mais da realidade, uma vez que a natureza humana é multifacetada. Desse modo, é mais provável que o leitor repense noções tradicionais de moralidade e que a trama seja menos previsível, considerando que as intenções dos personagens nem sempre são tão fáceis de desvendar.

Já no que diz respeito ao uso de magia para solucionar problemas sociais, a observação de Long (2011, p.13) é comprovada em *Porém Bruxa*, visto que ao longo de toda a narrativa Ísis utiliza seus dons para ajudar os comuns, cumprindo essa convenção que é tão recorrente no gênero e que tende a vir acompanhada da discussão de problemáticas sociais. Assim, a obra traz diversas críticas relacionadas à realidade das grandes cidades brasileiras, incluindo o abuso de autoridade, a intolerância religiosa e o feminicídio. Como ocorre no

trecho abaixo, no qual Ísis Rossetti reflete sobre a violência infligida contra as mulheres após Pedro, que sofre com o desaparecimento da mãe, confidenciar que o seu padrasto havia pedido para sua mãe parar de trabalhar.

Os detalhes variavam, mas a história se repetia em todo lugar. A gentileza aparente dá início a um relacionamento abusivo do tipo que a parte abusada não percebe. Além de criar a dependência emocional, surge a financeira. Tolerar o filho da esposa deixa de ser uma exigência básica e vira um favor. (CHIOVATTO, 2022, p. 57-58)

Além do mais, é imprescindível falar dos personagens presentes na obra e como estes se aproximam ou se afastam de algumas convenções do gênero. A protagonista Ísis é um caso especialmente interessante para análise, tendo em vista que se diferencia, em termos de personalidade, de parte das heroínas que aparecem em livros de fantasia urbana como *Crepúsculo* ou *Fallen*, onde geralmente as protagonistas estão chegando ao final da adolescência e possuem pouca ou nenhuma experiência em relação à exploração de sua sexualidade, mas encontram em determinado momento um par masculino que oferece a oportunidade de um romance. Somando a isso, frequentemente encontramos protagonistas que se envolvem em dinâmicas nas quais precisam ser protegidas, de modo que o homem assume o papel de protetor, ora tomando decisões em seu nome, ora tentando afastá-las para não colocá-las em perigo.

Em *Porém Bruxa*, no entanto, Ísis vai contra esses padrões, pois além de ser uma heroína que enfrenta problemas mais adultos relacionados ao seu emprego ou a traumas que a afetam no dia a dia, não tem problemas ou tabus quando o assunto é explorar a sua sexualidade, se relacionar com alguém ou admitir que sente atração por determinada pessoa. É o caso do trecho abaixo, no qual a personagem reflete sobre sua relação com Murilo, um homem que vive um relacionamento aberto com outro rapaz, e que além de amigo da protagonista, é também um parceiro sexual.

Uma das minhas coisas preferidas na amizade de Murilo, além do sexo bom e sem compromisso com o qual eu sempre podia contar, era o fato de ele saber a verdade sobre mim e não ficar insistindo em assuntos proibidos para comuns. (CHIOVATTO, 2022, p.13)

Apesar de Ísis ser uma bruxa que tem um relacionamento com um humano, o que é um tropo comum na fantasia urbana, como já citado, o romance consegue subverter as expectativas dos leitores ao não desenvolver o relacionamento de Ísis e Murilo da maneira esperada. Afinal, a relação dos dois não é marcada por conflitos, cenas sucessivas de tensão e

tão pouco é necessário que os dois lutem contra uma proibição. Do mesmo modo, o próprio Murilo é um personagem pouco convencional em obras do gênero, que foge do estereótipo do típico homem insensível, heterossexual e monogâmico. Nesse sentido, apesar da relação dos dois não estar dentro dos moldes massivamente retratados em livros de fantasia, é uma dinâmica que funciona com leveza e apoio mútuo.

Igualmente, é válido mencionar a afeição da protagonista por Dulce, uma travesti formada em Serviço Social, que ajuda Ísis a encontrar informações sobre alguns casos e cuja relação também é muito forte. Dulce, assim como Murilo, faz parte do grupo de amigos que auxilia a protagonista. A personagem é consideravelmente explorada na narrativa e atua em um dos momentos mais heróicos da história, ao entrar no prédio em chamas para resgatar os menos favorecidos. Portanto, sua figura se difere de como personagens travestis são geralmente representadas na literatura brasileira, pois de acordo com Fernandes:

O aspecto mais comum às personagens travestis de nossa literatura é a aproximação dessas com a violência. Sem exceção, todas as personagens sofrem agressão seja física ou verbal e, costumeiramente, morrem pelas mãos de seus agressores ou ainda por suicídio atrelado a tais tensões. (FERNANDES, 2016, p. 163)

Isto posto, a presença e o desenvolvimento de Dulce na trama desconstrói estereótipos associados a travestis, retratando a personagem como alguém corajosa, empática e humana, indo além da violência a qual já foi submetida. Desse modo, a personagem contribui para uma narrativa mais inclusiva, que desmantela preconceitos enraizados.

Além disso, Ísis Rossetti diverge do tropo da donzela em perigo e do herói relutante, posto que não hesita em dar tudo de si para realizar o seu trabalho de monitora de atividades mágicas e proteger os humanos, mesmo que isso a deixe com dores de cabeça extenuantes ou a ponha em perigo. Inclusive, em diversos momentos, ela arrisca sofrer a ira do Conselho, seus superiores, e do Corregedor, por se envolver em casos extraoficiais.

O mérito da heroína recai no fato de ela não ser apenas uma mulher forte, mas uma mulher não idealizada, que possui momentos de fragilidade e medo, além de traumas que a afetam profundamente. Um deles reside na figura de um antigo superior, que a assediou e, por não ter suas investidas permitidas, castigou a protagonista por ter ajudado humanos de maneira desmedida. Submetida a uma espécie drástica de tortura, marcada por invasões telepáticas, a protagonista guarda sequelas e lembranças do horror que viveu. Como observa-se, por exemplo, na passagem abaixo:

— A sua dor não é uma condição médica qualquer, Ísis. Ela vem do abuso reiterado de invasões telepáticas. — Estremeci. — *Tortura*. Algo terminantemente proibido, passível da pena máxima. Se você denunciar...

Dei-lhe as costas, enxugando os olhos. Eu odiava aquele assunto, odiava aquelas lembranças, mas, pelo visto, não conseguiria fazê-lo deixar a questão de lado. (CHIOVATTO, 2022, p. 121)

O excerto demonstra que, apesar de Ísis ajudar mulheres vítimas de abuso, ainda é difícil para ela lidar com a realidade da sua própria situação, que é explorada ao longo da narrativa na medida em que a personagem compreende o que o seu antigo superior fez e, com a ajuda de amigos e do novo Corregedor, buscará enfrentar o acontecido.

É possível pontuar, dessa forma, que a protagonista não possui sua jornada ou sua complexidade negligenciada, considerando que o livro explora suas múltiplas facetas, que incluem suas relações, suas maneiras distintas de se posicionar frente aos acontecimentos, suas alegrias e frustrações, seus anseios e a dificuldade de enfrentá-los, assim como seus sonhos e objetivos como uma monitora que atua na cidade de São Paulo.

Ainda é interessante analisar o relacionamento de Ísis com o Corregedor, Victor, o superior que supervisiona o trabalho da protagonista e o superior para o qual ela deve se dirigir. A relação dos dois, apesar de não ser completamente idêntica à dinâmica de inimigos ou rivais, é marcada por uma certa tensão inicialmente. Isso se dá porque, de certo modo, Ísis entende que os dois estão em lados opostos, considerando que ela trabalha em casos extraoficiais e ele, como autoridade, poderia repreendê-la. Para completar, as memórias dos danos causados pelo antigo corregedor torna difícil para a heroína confiar no seu superior completamente, como demonstra o seguinte trecho, no qual Victor percebe o medo que Ísis sente dele:

— Ísis, isso é importante. Eu te vigio, sim, e te mantenho na linha, mas sou responsável por você. Achei que você só não fosse com a minha cara, mas medo? Isso muda as coisas. Se a questão for só comigo, posso te realocar a outro corregedor. (CHIOVATTO, 2022, p. 73)

Ainda assim, com o avançar da narrativa, Ísis aprende a confiar no Corregedor, que além de ajudá-la com suas investigações, auxilia para que o antigo corregedor, que se tornou um membro do Conselho, pudesse ser preso por torturá-la. Nesse sentido, mesmo que a relação dos dois se inicie como a de muitos livros de fantasia, ou seja, de uma maneira relativamente conflituosa, os dois eventualmente se entendem e admitem a atração que

sentem um pelo o outro, o que poderia ser uma tentativa de tornar o livro mais comercial, levando em conta como os tropos de romance que se assimilam a dinâmicas do tipo fazem sucesso entre o público, como explicado no capítulo anterior.

Victor me atraía, às vezes, mas não era nem bom alimentar esperanças nesse sentido, mesmo se eu tivesse alguma. Conflito de interesses resultaria no afastamento de um dos dois de seu posto e eu gostava de ser uma monitora e, apesar dos pesares, gostava dele como meu corregedor. Além do mais, impossível. Victor não gostava de mim. Pelo menos não dessa maneira. (CHIOVATTO, 2022, p. 89)

Ao contrário do aguardado, Ísis e Victor não se tornam um casal ao final do livro, e não há qualquer contato físico significativo entre eles ao longo da história. Em vez disso, a narrativa se concentra no desenvolvimento das investigações, na jornada da heroína e nos relacionamentos estabelecidos pelos personagens. O desfecho da trama traz apenas indícios de que, no futuro, talvez a protagonista e o Corregedor poderiam vir a ter algum tipo de relação. Pois Victor recebe o cargo de diplomata, o que poderia sugerir a ausência do conflito de interesses entre ambos. Além do mais, no último capítulo, Ísis o convida para ir ao cinema ver como os bruxos são representados, demonstrando uma potencial aproximação para além do campo do trabalho.



## CONCLUSÃO

Ao analisar os tropos mais comuns em obras de fantasia urbana e observar como certas ocorrências se repetem nesses livros, é possível concluir que muitas vezes padrões são repetidos em narrativas do gênero apenas para atender demandas do mercado, de modo que não se concebem novas perspectivas nem se elabora uma literatura emancipatória, que contribua para transformar o leitor.

Esta influência mercadológica nas obras, como observado em relação à busca pelo tropo do *enemies to lovers* no TikTok, com frequência pode induzir os autores a idealizar histórias que seguem fórmulas pré-estabelecidas apenas porque elas “performam” bem entre os leitores nas mídias sociais e nos números de vendas. No entanto, ao fazer isso, há uma alta possibilidade de a narrativa se tornar previsível, posto que, ao observar um padrão, o leitor já sabe o que esperar.

Além disso, apesar de os tropos serem úteis para estabelecer uma familiaridade com os leitores, sua utilização apenas para fins de lucro pode levar a uma construção superficial e pouco complexa dos personagens, gerando figuras estereotipadas ou unidimensionais baseadas em padrões já existentes, o que não necessariamente expandiria a criticidades dos jovens leitores. Por outro lado, também é possível que os tropos sejam explorados de forma inovadora, desafiando estereótipos ou desconstruindo expectativas para gerar uma experiência literária que fuja da previsibilidade e do simplismo causado pela repetição de padrões. Ao fazer isso, é mais provável que a fantasia urbana se reinvente e evolua, uma vez que novas compreensões seriam adicionadas ao gênero.

Em *Porém Bruxa*, foi possível observar a utilização de tropos e convenções já muito presentes na fantasia urbana. Tropos como o do escolhido e do artefato mágico acontecem da maneira esperada, sendo possível supor que, ao final da narrativa, Ísis conseguirá restaurar a ordem e garantir a segurança do objeto mágico, o que torna o desenvolvimento da história previsível em certa medida. Além disso, fatores como as críticas sociais e a luta entre o bem e o mal são convenções utilizadas na trama.

Por outro lado, a narrativa de Chiovatto sobressai na criação dos personagens, que não são restritos à dicotomia limitante do bem e do mal, pois têm suas trajetórias desenvolvidas ao ponto de o leitor ser capaz de observar suas muitas facetas, que vão além da simples reprodução de tropos. Através de Ísis, a escritora concebe uma heroína que foge dos moldes antes tão comuns em fantasia, que representavam as mulheres com pouco entendimento sobre

sua sexualidade ou como dependentes de um parceiro masculino, dando vida a uma protagonista matizada e humana, em seus medos, desejos, anseios e alegrias.

Já por meio do Murilo, a autora faz a representação de um homem que não se restringe à heterossexualidade e à monogamia como sendo um amigo ou parceiro, trabalhando a relação dos dois sem cair nos conflitos ou proibições que já seriam esperados. Da mesma maneira, a personagem Dulce é retratada com respeito em sua trajetória, sendo concebida como um indivíduo com desejos, frustrações e uma vida que vai além da violência tão frequentemente associada a travestis na ficção brasileira. Por fim, com relação ao Corregedor, é natural que o leitor crie expectativas sobre um possível relacionamento com a heroína, visto que a dinâmica entre eles começa com uma tensão que, conforme os dois se conhecem melhor, vai diminuindo e dando lugar a sentimentos mais positivos. Porém, o desenrolar da trama toma um rumo diferente ao deixar o público apenas com indícios da possibilidade de um relacionamento, o que é uma quebra de expectativa interessante, que pode deixar espaço para o leitor fazer suas interpretações de desdobramentos para a trama.

*Porém Bruxa*, portanto, ao mesmo tempo que replica alguns padrões e segue algumas convenções que podem indicar qual percurso a trama irá seguir, consegue subverter as expectativas de alguns tropos, quebrando certas expectativas que são evocadas por eles. Desse modo, a história apresenta personagens multifacetados que desconstroem visões já muito exploradas, podendo ser um exemplo de espécie de meio-termo para autores que buscam mobilizar a familiaridade dos leitores sem se ater tão fixamente aos padrões.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVAREZ, Roxana Guadalupe Herrera. *O neofantástico*. São Paulo: Revista Fronteira Z, n. 9, 2012.
- BERNS, Gregory; BLAINE, Kristina; PRIETULA, Michael. PYE, Brandon. “Short- and Long-Term Effects of a Novel on Connectivity in the Brain”. *Brain Connectivity*, v. 3, n. 6, p. 590-600, 2013.
- BLACK, Holly. *O príncipe cruel*. São Paulo: Galera Record, 2019.
- CANDIDO, Antonio. *A literatura e a formação do homem*. In: Textos de intervenção. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2002.
- CANDIDO, Antonio. *A personagem do romance*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2007.
- CASTILHO, Felipe. *Ordem vermelha: filhos da degradação*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2017.
- CHIOVATTO, Carol. *Porém bruxa*. Rio de Janeiro: Suma, 2022.
- CLARE, Cassandra. *Cidade dos ossos*. Rio de Janeiro: Galera, 2013.
- CLUTE, John; GRANT, John. *The Encyclopedia of Fantasy*. London: St. Martin’s press, 1997.
- CURTA FICÇÃO: #42 – Tropos na Fantasia. [Locução de]: Jana Bianchi e Thiago Lee . Entrevistada: Felipe Castilho. [S.l.]: Podcast, 5 dez. 2018. Podcast. Disponível em: <<http://curtaficcao.blubrry.com/2018/05/02/curta-ficcao-042-tropos-na-fantasia/>>. Acesso em: 26/06/2023.
- DUARTE, Larissa Costa. “A AIDS tem um rosto de mulher”: discursos sobre o corpo e a feminização da epidemia. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Março, 2018.
- EMORY UNIVERSITY. Reading fiction improves brain connectivity and function, Emory study shows. Emory News Center, [S.l.], 3 dez. 2013. Disponível em: <[https://news.emory.edu/stories/2013/12/reading\\_fiction\\_brain\\_change/campus.html](https://news.emory.edu/stories/2013/12/reading_fiction_brain_change/campus.html)>. Acesso em: 12/04/2023.
- FACCHINI, Talita. CEOs das líderes do ranking anual do PN dizem o que esperam para 2023. PublishNews, 2023. Disponível em:

<<https://www.publishnews.com.br/materias/2023/01/12/ceos-das-lideres-do-ranking-anual-do-pn-dizem-o-que-esperam-para-2023>>. Acesso em: 19/04/2023.

FERNANDES, Carlos Eduardo Albuquerque. Um percurso pelas configurações do corpo de personagens travestis em narrativas brasileiras do século XX: 1960-1980. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal da Paraíba, 2016.

FITZPATRICK, Becca. *Hush, hush*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012.

GAIMAN, Neil. *Lugar nenhum*. São Paulo: Conrad, 2007.

GAIMAN, Neil. *Deuses americanos*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2016.

GOODREADS. Ali Hazelwood on Trusting Her Own Voice After BookTok Fame.

Goodreads, 2022. Disponível:

<[https://www.goodreads.com/interviews/show/1572.Ali\\_Hazelwood](https://www.goodreads.com/interviews/show/1572.Ali_Hazelwood)>. Acesso em: 02/06/2023.

HARRIS, Elizabeth. How TikTok Became a Best-Seller Machine. The New York Times, 2022. Disponível: <<https://www.nytimes.com/2022/07/01/books/tiktok-books-booktok.html>>.

Acesso em: 02/06/2023.

HARRIS, Elizabeth. How Crying on TikTok Sells Books. The New York Times, 2021.

Disponível: <<https://www.nytimes.com/2021/03/20/books/booktok-tiktok-video.html>>.

Acesso em: 02/06/2023.

IRVINE, Alexander. Urban Fantasy. In: JAMES, Edward; MENDLESOHN, Farah. *The Cambridge Companion to Fantasy Literature*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012. p. 200-213.

KATE, Lauren. *Fallen*. Rio de Janeiro: Galera, 2011.

LONG, Steven S. Defining fantasy. Steven S. Long, 2011. Disponível em:

<<http://www.stevenslong.com/articles/2011/12/28/defining-fantasy.html>>. Acesso em: 31/05/2023.

LEXI, Ryan. *Promessas vazias*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2022.

LOVECRAFT, Howard Philips. *O Horror Sobrenatural na Literatura*. Tradução de Celso M. Paciornik. São Paulo: Iluminuras, 2020.

MAHURIN, Shelby. *Pássaro e serpente*. Rio de Janeiro: Galera, 2021.

- MAAS, Sarah J. *Corte de espinhos e rosas*. Rio de Janeiro: Galera Record, 2015.
- MAAS, Sarah J. *Trono de vidro*. Tradução de Mariana Kohnert. Rio de Janeiro: Galera Record, 2013.
- MAAS, Sarah J. *Cidade da lua crescente*. Tradução de Mariana Kohnert. Rio de Janeiro: Galera Record, 2020.
- MARTIN, GEORGE R. R. *A guerra dos tronos*. São Paulo: LeYa, 2010.
- MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- MATANGRANO, Bruno Anselmi; TAVARES, Enéias. *Fantástico brasileiro: o insólito literário do romantismo ao fantasismo*. Curitiba: Arte & Letra, 2019.
- MEYER, Stephenie. *Crepúsculo*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2008.
- MILAS, Lacy Baugher. Ali Hazelwood Talks Love on The Brain, Feminist Romance and Her Roots in Fanfi. Paste Magazine, 2022. Disponível:  
<<https://www.pastemagazine.com/books/ali-hazelwood/love-on-the-brain-interview>>. Acesso em: 02/06/2023.
- NUNES, Andreia. Era uma vez... estereótipos de gênero nos livros infantis. Dissertação (Mestrado em Empreendedorismo e Estudos da Cultura) – Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, 2018.
- PUBLISHNEWS. IBGE: Setor de livros, jornais, revistas e papelaria registra ligeira queda em março. PublishNews, 2023. Disponível em:  
<<https://www.publishnews.com.br/materias/2023/05/22/ibge-setor-de-livros-jornais-revistas-e-papelaria-registra-ligeira-queda-em-marco>>. Acesso em: 19/04/2023.
- PETIT, Michèle. *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*. São Paulo: Editora 34, 2008.
- RIORDAN, Rick. *Percy Jackson e o ladrão de raios*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012.
- ROAS, David. *A ameaça do fantástico: aproximações teóricas*. tradução de Julián Fuks. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2014.
- ROAS, David. *Teorías de lo fantástico*. Madrid: Arco/Libros, 2001.
- ROGERSON, Margaret. *O encanto dos corvos*. São Paulo: Literalize, 2021.
- ROWLING, J. K. *Harry Potter e a pedra filosofal*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

- SERRA, Tatiana. O uso dos clichês. Cecierj, 2011. Disponível: <<https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/11/8/o-uso-dos-clichecircs>>. Acesso em: 30/06/2023.
- SHWAB, V. E. Um tom mais escuro de magia. Rio de Janeiro: Record, 2016.
- SILVA, F. M. Cultura e mercado: o *best-seller* em questão. *INTERthesis* (Florianópolis) , v. 3, p. 1-21, 2006.
- SILVA, Bruna Camargo; BOMBINI, Rosilene Rocha. Emancipação literária: o valor da literatura de massa e seu papel na formação de leitores. In: Simpósio Internacional de Linguagens Educativas. São Paulo: USC, 2018, p. 211-218.
- SMITH, L. J. *Diários do vampiro: o despertar*. Rio de Janeiro: Galera, 2009.
- SODRÉ, Muniz. Best-seller: *A literatura de mercado*. São Paulo: Ática, 1985.
- SWABY, Gary. How Sarah J. Maas' Journey to Success Began at Sixteen: Autor Biographies. Redital, 2021. Disponível em: <<https://www.redital.com/2021/how-sarah-j-maas-journey-to-success-began-at-sixteen-author-biographies/>>. Acesso em: 30/04/2023.
- TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- TOLKIEN, J. R. R. *O senhor dos anéis*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- TOLKIEN, J. R. R. *O Hobbit*. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2019.
- VENTURA, Renata. *A arma escarlate*. São Paulo: Novo Século, 2011.
- YUNES, Eliana (Org.). *A leitura e a formação do leitor: questões culturais e pedagógicas*. Rio de Janeiro: Edições Antares, 1984.